



35<sup>o</sup>  
Bonito - MS

ANAIS do 35<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Espeleologia  
19 - 22 de julho de 2019 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 35<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br).

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

CRUZ, E.T. et al. Pode-se falar em invisibilidade feminina na espeleologia? Reflexões acerca das contribuições da mulher no processo histórico da espeleologia. In: ZAMPAULO, R. A. (org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 35, 2019. Bonito. *Anais...* Campinas: SBE, 2019. p.412-421. Disponível em: <[http://www.cavernas.org.br/anais35cbe/35cbe\\_412-421.pdf](http://www.cavernas.org.br/anais35cbe/35cbe_412-421.pdf)>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.  
Consulte outras obras disponíveis em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br)

## **PODE-SE FALAR EM INVISIBILIDADE FEMININA NA ESPELEOLOGIA? REFLEXÕES ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA MULHER NO PROCESSO HISTÓRICO DA ESPELEOLOGIA**

*CAN YOU TALK ABOUT FEMALE INVISIBILITY IN SPELEOLOGY? REFLECTIONS ON WOMEN'S  
CONTRIBUTIONS IN THE HISTORICAL PROCESS OF SPELEOLOGY*

**Eleciana Tavares da CRUZ; Maryanne Normitta Miranda e SILVA; Luiza Gabriela Dias Porto  
BARBOSA; Patrícia Fernanda Carvalho de SOUSA; Laís Moreira FERNANDINO**

Grupo de Pesquisa e Extensão em Espeleologia Guano Speleo – Caverneiras, Belo Horizonte (MG).

**Contatos:** [elecianiatavares@yahoo.com.br](mailto:elecianiatavares@yahoo.com.br); [maryanne\\_182@hotmail.com](mailto:maryanne_182@hotmail.com).

### **Resumo**

O presente trabalho surge no contexto em que a questão do gênero vem sendo pauta nos mais diversos espaços de discussões. Tal proposta visa levantar reflexões, acerca do papel, contribuições e desafios encontrados pela mulher e uma possível invisibilidade no contexto da espeleologia sendo esta científica, profissional ou esportiva. Surge como resultado de questionamentos iniciais feitos por mulheres atuantes em um grupo de espeleologia de Minas Gerais após a realização de um campo recreativo ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, localizado nos municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões em Minas Gerais. Foram feitos levantamentos bibliográficos e documentais com o intuito de apresentar um breve resgate no contexto histórico do papel da mulher nas sociedades pré-coloniais até os tempos modernos, focando na atuação junto às cavidades naturais, uma vez que há pouca ou nenhuma produção sobre essa temática. Apresenta-se, portanto, resultados qualitativos, as reflexões: as mulheres contribuíram com o desenvolvimento da espeleologia enquanto ciência, mas foram invisibilizadas; que as publicações dos boletins espeleológicos devem qualificar a abordagem da temática mulher; que os grupos de espeleologias no Brasil seguem padrões sociais, sobre a falta de paridade entre os gêneros e distribuição igualitária entre mulheres e homens nos cargos de liderança; que as mulheres dentro dos grupos de espeleologia atuam com igualdade aos homens; a temática das mulheres na espeleologia deve ser fomentada nos variados espaços desta ciência, esporte e profissão.

**Palavras-Chave:** mulher; espeleologia; invisibilidade.

### **Abstract**

*The present work arises in the context of gender discussion, that has been a very important topic in the most diverse spaces. This proposal aims to raise reflections on the role, contributions and challenges encountered by women and a possible invisibility in the context of speleology as science, professional activity or sport. It arises as a result of initial questions posed by women working in a speleology group in Minas Gerais after a recreational trip to Cavernas do Peruaçu National Park, located in the municipalities of Januária, Itacarambi and São João das Missões at Minas Gerais State. Bibliographical and documentary surveys were carried out with the purpose of presenting a brief rescue in the historical context, of the role of women in pre-colonial societies to modern times, focusing on the work in caves, since there is little or no production on this thematic. Four main points are presented in qualitative terms: That there were women who contributed to the development of speleology as a science, but who remained invisible and did not receive the merit of their right; , That the publications of the speleological bulletins should qualify the approach of the woman theme, for example, with the female historiography in caving and its contributions, That the caving groups in Brazil follow social standards, about the lack of gender parity and the equal distribution between women and men in leadership positions, whose associated factors need to be better investigated, however, because it is a volunteer space, when women are in groups, they can act equally with men. That the discussion women in caving needs to be fomented in the varied spaces of this science, sport and profession respecting the place of speech of each woman and their realities.*

**Keywords:** woman; caving; invisibility.

## 1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo a ciência foi praticada quase que exclusivamente por homens, deixando as mulheres sem voz e sem créditos. Porém, ao longo dos anos, graças às questões levantadas em relação ao sexo feminino, continuamos avançando e formulando questões para preencher essas lacunas e dar os devidos créditos a mulheres cientistas. Com isso se faz necessário estudos relacionados ao feminino nas diversas áreas da ciência como paleontologia, arqueologia, espeleologia, exatas entre outras e discutir o papel que essas mulheres tiveram ao longo da história.

Voltando um pouco mais na história, no contexto pré-histórico, por décadas a realização artística (pinturas e gravuras rupestres) foi examinada e vista como um universo masculino tal qual a caça. A insinuação era que neste período as mulheres não iam a esses lugares e não participavam das pinturas. Alguns estudos como o de Adovásio, Soffer e Pege (2009) apontam que não há evidências de que mulheres não tenham participado no processo da construção das pinturas rupestres, de fato não há nem mesmo qualquer prova do envolvimento de homens e de como era passada tal responsabilidade. Uma reflexão a ser feita nesse sentido da arte rupestre é: “o artista criador” conseguiria expressar-se em um desenho que ele próprio estivesse fazendo? Os estudos destes autores nos levaram a seguinte reflexão: Se uma mulher fosse a responsável por fazer as pinturas, como ela se representaria ou representaria o seu coletivo nessas pinturas?

Foi difícil encontrar sinais de que as mulheres desempenharam outros papéis na pré-história, considerando que na perspectiva dos estudos arqueológicos os homens realizavam a caça, sendo mais fácil identificar vestígios de instrumentos cortantes em pedra e osso produzido pelos mesmos. Já os vestígios dos materiais utilizados por mulheres tais como palha, para a produção de cestaria são vestígios pouco duráveis e que se decompõem mais facilmente (ADOVÁSIO, SOFFER, PAGE, 2009).

Para esses autores, ao longo dos anos, a maioria (masculina) dos arqueólogos encontrou quase que exclusivamente vestígios antrópicos feitos de pedra e pressupôs que o Pleistoceno e períodos anteriores haviam sido dominados por homens, ignorando as mulheres. Como seres humanos produtos da época que vivemos hoje, estamos a par da existência de tais conjecturas não averiguadas antes e as levamos em consideração. Nada melhor do que saber que um dos mais notórios e completos hominídeos fósseis de todos os tempos

é uma mulher, com aproximadamente 3,2 milhões de anos, *Australopithecus afarensis*, nomeada como “Lucy” por Donald Johanson (ADOVÁSIO; SOFFER; PAGE, 2009).

É necessário lembrar, conforme estudos do paleontólogo Walter Neves que o *Homo sapienssapiens* datado do Holoceno inicial (aproximadamente 11.500 mil anos AP) o mais antigo da América Latina, é o crânio de uma mulher que foi chamada de “Luzia”, uma das mais importantes descobertas da pré-história, e no entanto ainda utilizam o termo “Homem de Lagoa Santa” para se referirem ao mais antigo remanescente de humanos (PILÓ; NEVES, 2003).

Lima (2008) em sua abordagem da “cultura androcêntrica” e mulheres na ciência dialoga com o proposto por Conceição e Teixeira (2018), quando estas discutem a relação da mulher com a ciência e a discriminação feminina nas profissões consideradas duras e masculinas. A pesquisa das últimas duas autoras acontece em eixos temáticos, temporal e espacial realizando o mapeamento e a análise de artigos envolvendo ciência X mulher entre os anos de 2007 a 2017. O objetivo foi discutir a produção das mulheres na ciência, mostrando que a discriminação gerou a marginalização do gênero.

As autoras relatam vários artigos feitos por mulheres envolvendo trabalho e ciência com o intuito de mostrar a importância dos seus trabalhos buscando visibilidade e reconhecimento. De 2007 para os dias atuais, a voz da mulher vem tomando força lutando por direitos iguais e conquistando o seu espaço na sociedade.

Não podemos deixar de lado as perspectivas feministas sobre a exclusão de gênero na construção do pensamento científico moderno. O termo “gênero e ciência”, conforme aponta Lopes (2006, *apud* LIMA, 2008), foi utilizado pela primeira vez em 1978 em um artigo de Evelyn Fox Keller, no qual apresentaria três linhas de pesquisas: mulheres na ciência, construções científicas de gênero e construções históricas das ciências (LOPES, 2006*apud* LIMA, 2008, p.19). Margaret Rossiter, historiadora da ciência, idealizou um fenômeno social conhecido por “Efeito Matilda”, em que o trabalho reconhecido de uma mulher é atribuído a um homem, representando a demasiada repressão e negação das contribuições de mulheres cientistas em pesquisas (LIMA, 2008; LOISE, 2018). Ao longo do tempo, várias histórias emergiram-se, revelando descobertas ocultadas pelo domínio masculino (LOPES, 1998).

Embora a exploração e uso das cavernas remontem desde os primórdios da humanidade, a espeleologia se torna ciência e esporte a partir do século XIX, com o francês Edourd-Alfred Martel, ao explorar e estudar numerosas cavernas na Europa e na América. (AULER; ZOGBI 2011). Nesse contexto, o papel da mulher era principalmente de provedora, de cuidadora, que é um construto social, referendado pela frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1965). Na espeleologia, assim como em outras ciências, a mulher pode ter sido relegada ao segundo plano, face aos construtos sociais do gênero feminino, assim como a contribuição da cultura androcêntrica.

Partindo para a mulher na espeleologia, pode-se considerar que no campo esportivo, as mulheres possuem cenário um pouco mais promissor no que se refere a atuação em grupos espeleológicos, no sentido de prática do esporte. O mesmo não ocorre quando da ocupação de cargos de liderança dentro dos grupos, pois ainda não podemos dizer de paridade entre os gêneros (CNS, 2017) no quantitativo de cargos ocupados por homens e mulheres. (LIMA, 2008).

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho surge pelo desdobramento de reflexões iniciadas por mulheres membros do Grupo de Pesquisa e Extensão Guano Speleo, após uma viagem realizada no ano de 2018 ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu/MG. Estas mulheres atuam de forma diversificada na espeleologia, sendo, algumas no campo profissional, outras no campo científico e outras ainda no esportivo. A viagem proporcionou diversas observações acerca do papel da mulher na espeleologia desde o período pré-colonial (através da arte rupestre visualizada no Parque) até os tempos atuais e a história da espeleologia como ciência, que levaria às reflexões sobre a real contribuição feminina na espeleologia.

Assim surgiram perguntas como: a questão do gênero teria alguma influência no fazer da arte rupestre? As pessoas eram escolhidas para fazerem a arte rupestre? E em relação a espeleologia, quais mulheres contribuíram para o desenvolver da mesma e qual seria o status dessa mulher naquele contexto? Na atualidade, quais lugares as mulheres ocupam no campo da espeleologia científica e esportiva e como são percebidas dentro dos grupos de espeleologia?

Levando em consideração tais questionamentos a metodologia utilizada foi qualitativa, cujos caminhos foram: 1. Observações e reflexões a partir da viagem ao PARNA Cavernas

do Peruaçu; 2. Levantamento bibliográfico a respeito do tema mulher e espeleologia; 3. Levantamento de fontes primárias, como documentos e relatórios dos grupos de espeleologia e/ou publicações que tivessem a temática mulher e espeleologia; 4. Considerações levantadas na Palestra “As Interfaces femininas no universo espeleológico brasileiro”, realizada em 06 de setembro de 2018, por uma membra do grupo Guano Speleo no Museu das Minas e do Metal (MM Gerdau).

Outro recurso utilizado foi uma consulta aos resultados parciais do CENSO Espeleológico aplicado pela Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) no ano de 2018, a fim de ter uma base do panorama de mulheres na espeleologia. Assim foi possível apresentar um compilado de informações em textos e tabelas. Os boletins da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE Notícias) nas edições dos anos de 2006 a 2018 também foram consultados com o objetivo de se verificar como o termo “Mulher” foi abordado nessas publicações.

Há de se registrar que o conhecimento de estudos feitos por Simone de Beauvoir (1980) sobre o papel da mulher bem como o conceito “o que é lugar de fala” de Djamilia Ribeiro (2017), também influenciaram para iniciar as reflexões.

## 3. RESULTADOS

Desde os primórdios, as mulheres são sub-representação em muitas áreas das Ciências e isso se intensifica na medida em que elas progredem em suas carreiras. O papel das mulheres com suas contribuições científicas sempre se encontrou muito recôndito, ainda que seus surpreendentes êxitos tenham sido de tamanho significado.

O preconceito de gênero na seleção, organização e interpretação de dados é surreal no âmbito das ciências naturais e biológicas. Citando caso análogo, destaca-se que:

*(...) diversas pesquisas experimentais são feitas exclusivamente com espécimes machos, o que é explicado em termos de controle de variáveis, embora as conclusões sejam tomadas como modelares para a espécie.* (LOPES, 1998).

O estereótipo de cientista começa na infância, quando atribuem o papel a homens brancos favorecidos por uma superinteligência, como o que ocorre quando citam Einstein ao falar sobre Ciência, sendo considerada uma área de domínio masculino (LUPI, 2019), desconsiderando as grandes pioneiras neste mesmo contexto como Marie Curie, a primeira mulher a obter dois prêmios Nobel, física e química;



Elisabeth Blackwell, a primeira mulher a receber um diploma de medicina nos Estados Unidos; Bertha Lutz, uma das maiores biólogas da história brasileira (LOPES, 2018); ou ainda a geneticista Barbara McClintock, que revolucionou os estudos genéticos a partir de suas pesquisas sobre milho, e ganhou posteriormente um prêmio Nobel (LOPES, 1998); e não podemos deixar de citar Lise Meitner, descobridora da fissão nuclear, com uma das publicações científicas internacionais mais conceituadas do planeta; entre diversos outros nomes femininos de fundamental importância na construção científica mundial (MARASCIULO, 2019).

A espeleologia teve sua origem partir dos meados do século XIX, e, adquirindo adeptos no mundo inteiro, transformou-se numa ciência multidisciplinar e num esporte, praticado em várias partes do mundo (LINO, 2001).

Ao pesquisar sobre o registro da contribuição feminina no processo de instituição da espeleologia enquanto ciência e esporte foi identificada apenas uma publicação referente aos primeiros cem anos da espeleologia, uma edição especial da revista espeleológica francesa, *Spelunca*, comemorativa do centenário da travessia do abismo de Bramabiau, por Edouard-Alfred Martel. Esse artigo apresentou as principais figuras do cenário da história da espeleologia francesa e em contexto de mais de cem espeleólogos importantes havia apenas a menção de duas mulheres, sendo elas: Gabrielle Vallot (1880-1933) e Elizabeth Casteret (1905-1940), esta última era mulher do conhecido Norbert Casteret. (DROUIN; LAURENT; VALICOURT, 1988).

Gabrielle Vallot (1880-1933) foi a primeira mulher francesa a participar de expedições espeleológicas na França, contribuir com as anotações das explorações. Acompanhou seu esposo nas expedições em cavernas francesas. A revista relata que a senhora Vallot não hesitava em participar ativamente das expedições e é considerada a primeira mulher francesa a fazer publicações científicas sobre espeleologia, sendo sua primeira publicação no Anuário do Clube Alpinista Francês de 1889 (p-145-159) denominada “*Grottes et abîmes (Basses Cévennes)*”. Em 1890, Gabrielle Vallot participa ativamente no notável empreendimento gráfico de exploração construído por seu marido, o Observatório Monte Branco, no qual ficaria responsável pelo controle dos pontos luminosos. A pesquisadora recebe as honras acadêmicas e, a partir de 1912 com o divórcio, segue carreira independente. Os trabalhos da Sra. Vallot ganham mais notoriedade e, após sua

separação do Sr. Vallot, continua seguindo carreira solo até o fim de sua vida. (DROUIN; LAURENT; VALICOURT, 1988. p. 84).

A segunda mulher identificada foi Elizabeth Casteret (1905-1940), esposa do geólogo Norbert Casteret, lançou-se na carreira da exploração subterrânea aos dezenove anos, atuando entre 1924 e 1940. Acompanhou o marido em todas as expedições, sendo que o diálogo da família Casteret variava entre caverna, pré-história e montanhas (DROUIN; LAURENT; VALICOURT, 1988. p. 35-36). Não há menção das atuações dessa mulher na curta bibliografia dessa publicação científica.

Para o caso de Gabrielle Vallot e sua carreira na espeleologia, podemos apresentar reflexões mencionadas por Lima (2008) as quais a autora aponta que quando há mulheres cujos parceiros possuem a mesma profissão, ocorre o chamado “Efeito *Camille Claudel*”, cujo fenômeno seria qualificado como endogamia disciplinar: 1. “carreiras encaixadas”; 2. o ofuscamento da mulher derivado do gênero; e 3. “a relação de concorrência” (LIMA, 2008, p. 79). Para Lima (2008) a concepção de carreiras encaixadas refere-se a rupturas e adequações feitas em benefício da união familiar através de relatos de um percurso feito para que o casal continue junto: com um(a), geralmente a mulher, abrindo mão de suas melhores opções profissionais pelo outro(a). No caso da Sra. Vallot, ao final ela optou pela carreira e continuou seus trabalhos na área da espeleologia, mesmo após a separação.

Já para o caso de Elizabeth Casteret (1905-1940) é possível avaliar a atuação profissional e as múltiplas funções da mulher na sociedade, observando a frase Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, reafirmado no conceito *tecnologia de gênero* (LAURETIS, 1994 *apud* LIMA, 2008), em que as mulheres são caracterizadas como mães, esposas e pilares da família. De acordo com Lima (2008):

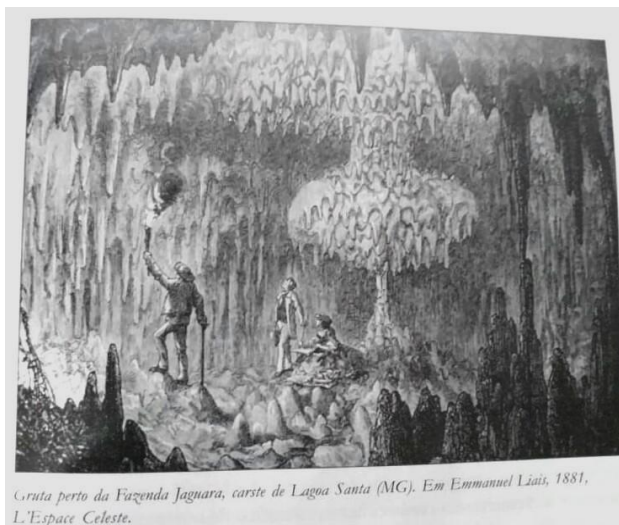
*as tecnologias de gênero podem ser entendidas como engenharias de inscrição de diferença sexual na ordem do discurso. Tecnologias que fazem corpos e comportamentos que definem posições e papéis.*

No caso de Elizabeth Casteret, mesmo atuando nas atividades espeleológicas junto ao seu esposo, provavelmente ela se manteve no papel da mulher, mãe, esposa e pilar da família, com uma sobrecarga.

No contexto da espeleologia brasileira, os trabalhos pioneiros em diversas áreas da ciência

foram realizados por Peter Lund (1835-1844) na região de Lagoa Santa/MG, e Richard Krone (na virada do século XIX para XX). Tomando como referência os trabalhos de Lino (2001) e Auler e Zogbi (2011) sobre História da Espeleologia, não foi identificada a menção de contribuições direta ou indiretamente por mulheres nos trabalhos desses pesquisadores. Entretanto, uma ilustração despertou a curiosidade no quadro “*L’Espace Celeste*” em Emmanuel Liais, 1891, que aponta uma exploração na Gruta próximo a Fazenda do Jaguará no carste de Lagoa Santa/MG.

Na ilustração (Figura 1) é possível identificar uma imagem feminina no interior da gruta junto a dois homens, um iluminando a gruta com uma tocha, e outro ao seu lado. A figura feminina sentada, aparenta estar realizando alguma anotação. Quem seria esta mulher? Apenas uma mera espectadora de seu companheiro nessa expedição espeleológica? Por que estaria ela realizando anotações? Poderíamos inferir que essa mulher seria uma auxiliar de campo tal qual Gabrielle Vallot? E se era, por que seus trabalhos nunca foram mencionados em quaisquer publicações espeleológicas dos estudiosos daquela época?



**Figura 1:** Gruta perto da Fazenda Jaguará, Carste Lagoa Santa (MG). Em Emanuel Liais, 1881, *L’Espace Celeste*.  
Fonte: AULER e ZOGBI, 2011, p.13.

Ao pesquisar sobre quem foi Emmanuel Liais para identificar informações sobre o desenho, encontrou-se apenas um trabalho dos autores Oliveira e Videira (2003) onde foi identificado que Liais foi um astrônomo francês que veio para o Brasil a convite de Dom Pedro II e assumiu a gestão do Imperial Observatório do Rio de Janeiro. A mensagem subliminar da figura poderia ser associada ao “Efeito Matilda”?

Ao final do século XIX e início do século XX, ocorre a expansão da espeleologia, enquanto ciência e esporte, e os grupos espeleológicos configuram-se como espaços importantes de disseminação do conhecimento espeleológico. No Brasil, a espeleologia ganha fôlego com a fundação em Ouro Preto/MG da Sociedade Excursionista Espeleológica (SEE) no ano de 1937, primeiro grupo da América Latina, que atuou por muitos anos praticamente sozinha mapeando as mais importantes cavernas do Brasil, baseando na metodologia e modelo francês de fazer espeleologia.

Em maio de 1958 dentre as inscrições para o terceiro curso de Espeleologia, ministrado por Jean Louis Christinat e Agenor Gaston de Reure Mariz, ocorreu a primeira inscrição de uma mulher na qual gerou polêmicas sobre a possibilidade da mesma fazer parte do mundo da espeleologia ou não. Do total de 14 inscritos, 04 desistentes e 09 aprovados, estava *Sônia Macedo de Oliveira*, tornando-se, desta forma, a primeira espeleóloga brasileira (FELIZARDO, 2013, p. 228-229).

Jean-Louis Christinat (1933-2001) que foi etnólogo e espeleólogo suíço, um dos primeiros estrangeiros que detinha conhecimento de técnicas modernas de espeleologia europeia, chegou no Brasil em 1956 e ajudou a fundar a primeira versão da Sociedade Brasileira de Espeleologia em 1958, com sede na cidade do Rio de Janeiro, porém a mesma não prosperou. Ele disse as seguintes palavras durante a discussão se aceitariam ou não a inscrição de uma mulher no curso de espeleologia: “Você diz que uma mulher não tem lugar numa caverna. Por quê? Porque não é capaz de crer que ela é capaz ou por que tem medo que ela ultrapasse você nas provas?” (FELIZARDO, 2013; p 228).

Nos anos de 1959, vários franceses atuaram no Brasil no campo da espeleologia paulista por meio do Clube Alpino Paulista (CAP) e em 1969 funda-se a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) (AULER; ZOGBI, 2005). Em 1975 os integrantes do Centro Excursionista Universitário (CEU) durante a experiência de permanência subterrânea e cronobiologia de quinze dias realizada na Caverna de Santana descobriram o Salão Taqueupa, com uma equipe composta por 11 espeleólogos, sendo 6 mulheres e 5 homens. Já em 1975 temos mulheres em maioria durante uma expedição e saíram de lá com a descoberta de um salão composto por cerca de 800 metros de corredores que guardam espeleotemas incríveis (SÃO PAULO, 2010, p. 3).

Em uma avaliação sobre um panorama da ocupação feminina nos cargos de liderança dentro

da SEE, uma vez que esta é a instituição de espeleologia mais antiga do Brasil, identificou-se que em 81 anos de existência dessa instituição e das 75 gestões identificadas em seus arquivos históricos, as mulheres ocuparam algum cargo na diretoria por apenas 35 vezes, o que representa percentualmente do total de gestão 46%. O grupo teve apenas duas mulheres ocupando o cargo de presidente, sendo elas: Luciana Vetel (gestão 1998-1999) e Lorena Oliveira (2014-2015).

Quando avaliado em termos de ordem e classificação por número de vezes que elas ocuparam os cargos, identificamos: 1ª lugar - Secretária (15); 2º Diretoria de acervo/diretoria de divulgação (5); Tesouraria (4); Diretoria encarregada de material (2) e Diretoria Técnica (1) (TABELA 1).

**Tabela 1:** Panorama das mulheres no cargo da diretoria da SEE-UFOP de 1937-2018. (continua).

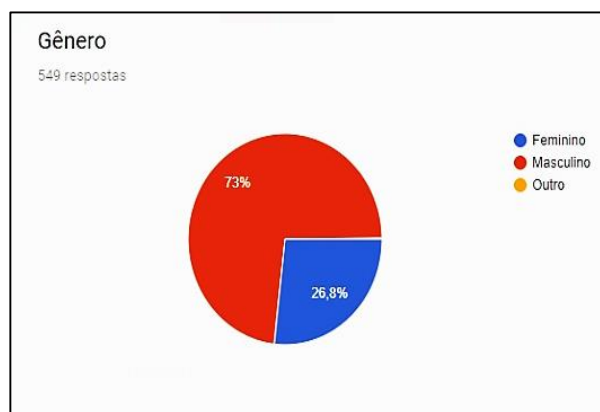
Cargo	Nº de vezes	Nomes/Datas
Presidência	2	Lorena Oliveira Pires (2014/2015); Luciana Vetel Cruz (1998/1999)
Secretaria	15	Evangelina Maria de Jesus (1976/1977); Jane Zeferino (1985 a 1987); Cristiane Casteñeda (1989-1991); ElianySalaroli La Sálvia (1990/1991); Luciana Vetel Cruz (1997-1998); Andréa Carla Ferreira (1998-1999); Maíra Fonseca da Cunha (2005-2007); Marina de Oliveira Pinto Levy (2008-2009); Maria Gabriela de Carvalho (2011-2012); Debora Lara Pereira (2013-2014); Letícia Alvarez Batisteli (2014-2015); Débora Lara Pereira (2015-2016)
Diretoria de acervo	5	Adalene Moreira Silva (1989-1990); Marília Vidigal Sant'Ana (1990-1991); Tatiane Comelli Martins (2005-2007); Débora Lara Pereira (2012-2013); Letícia Alvarez Batisteli (2013-2014); MikhaelaSaliverosAlderete (2017-2018)
Diretoria da revista	1	Hanna Jordt (1972-1973)
Diretoria de material	2	Náide Martins Ramos (1982-1983); Bruna de Oliveira Meyer (2012-2013)

Cargo	Nº de vezes	Nomes/Datas
Diretoria de imprensa	5	ElianySalaroli La Sálvia (1993-1994); Mariana Barbosa Timo (2004-2005); Marina de Oliveira Pinto Levy (2009-2010); Bruna Silva Gonçalves (2012-2013); Wendy Tanikawa (2016-2017)
Tesouraria	4	Náide Martins Ramos (1982-1983); Clarisse Martins Villela (1985-1986); Lorena Oliveira Pires (2013-2014); Fernanda Fonseca Guedes (2014-2015)
Diretoria Técnica	1	Evangelina Maria de Jesus (1977-1978)
Outros cargos de diretoria	35	

Fonte: CRUZ, 2018 adaptado de arquivos históricos SEE/site em 25/08/2018.

O panorama nos leva à reflexão de que assim como o cenário geral, as mulheres também ocuparam e ocupam pouco cargos de liderança também nos grupos de espeleologia.

No ano de 2018, a Sociedade Brasileira de Espeleologia realizou um Censo Espeleológico, para identificar o panorama da atuação na espeleologia no Brasil, cabe ressaltar que os dados apresentados aqui foram parciais datados do dia 06 de setembro de 2018. Em um recorte para a questão do gênero entre os respondentes, identifica-se que na espeleologia brasileira apenas 26,8% são mulheres (Gráfico 1). Não foi obtido o acesso ao número absoluto do total das respostas ao final da pesquisa, com isso vale a pena aprofundar nesses dados posteriormente.



**Gráfico 1:** Relação à porcentagem de gêneros. Fonte: Resultado Parcial Censo Espeleológico SBE, agosto 2018.



No que tange a participação das mulheres nos grupos de espeleologia, destaca-se que, assim como num cenário geral, no contexto gênero a espeleologia é de maioria masculina e as mulheres ainda ocupam poucos cargos de liderança, contudo, observamos que, possivelmente, por ser um espaço de participação voluntária, o processo de disputa entre os gêneros aparenta-se quase nulo.

Outro ponto que nos despertou interesse de reflexão para abordagem neste artigo foi a “A Imagem da Mulher na Mídia”, proposta por Moreno (2017). Nesse contexto, foi analisada a forma de abordagem do termo Mulher nos veículos de comunicação e boletins espeleológicos, sendo utilizado o SBE Notícias, entre os anos de 2006 a 2018. A busca foi efetuada pesquisando a palavra-chave “Mulher”, e como ela apareceria nessas publicações e foi identificado que em treze anos de publicações, o termo “Mulher” foi apresentado apenas por 7 vezes, e com assuntos que se aproximam muitas das vezes dos estereótipos históricos (Tabela 2).

**Tabela 2:** Títulos de notícias com o termo “mulher” nos boletins da SBE 2006/2018.

Título da Notícia	Nº Edição SBE-Notícias	Ano da Publicação	Autor
Mulher ajudou a humanidade a evoluir.	Nº 6; e Nº 35	Ano 1	Comissão Editorial
Mulher fica entalada e prende 22 turistas em caverna sul-africana -	Nº 41	Ano 2	Comissão Editorial
Mulher leva morcego com raiva para escola nos Estados Unidos	Nº 42	Ano 2	Comissão Editorial
Baixinhos eram os preferidos das mulheres pré-históricas	Nº 69	Ano 2	Comissão Editorial
1º Encontro Internacional de Espeleologia para mulheres	Nº 95	Ano 3	Comissão Editorial
Mulher das cavernas se movimentavam para conseguir companheiro	Nº 161	Ano 5	Comissão Editorial

Mulher é resgatada após passar 21 anos em caverna	Nº 161	Ano 5	Comissão Editorial
---	--------	-------	--------------------

**Fonte:** SBE Notícias (2006-2018).

Apresentamos como sugestão que a abordagem da mulher nas edições do Boletim SBE-Notícias precisa ser melhor qualificada, por exemplo, trazendo publicações que tratem da historiografia das mulheres na espeleologia, das contribuições femininas e também dos desafios encontrados.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, registra-se que este artigo não tem a presunção de apresentar considerações conclusivas sobre a temática das mulheres na espeleologia, visto que entendemos que apenas estamos abrindo caminho para um vasto conduto que deve ser explorado nos mais diversos aspectos.

A espeleologia é, assim como outras ciências ou esporte, um campo aberto para contribuição, participação e atuação das mulheres. Contudo, as dificuldades históricas encontradas nesta sociedade marcada pelo patriarcado e pelo machismo, podem impossibilitar que isso ocorra de fato.

Destaca-se, ainda, que há várias lacunas a serem decifradas: mulheres que atuaram na espeleologia, mas que não receberam o crédito que realmente mereceram, pois eram consideradas apenas “a esposa do espeleólogo”. Outras talvez seguiram sua carreira no anonimato, em virtude da não aceitação de mulheres no campo científico. Para esse caso, inferimos a figura feminina apresentada na ilustração de Emanuel Liais, o que arriscamos denominar de invisibilidade feminina na espeleologia.

Os grupos de espeleologia, que são instrumentos importantes para a disseminação do conhecimento espeleológico, precisam mudar paradigmas principalmente ao que se refere a ocupação dos cargos de liderança, com ações que fomentem a atuação das mulheres nesses cargos. Na maioria das vezes, não são ocupados pelas mulheres em virtude de um processo histórico de ocupação masculina. Pelo fato de ser mulher, um “construto social” e, conseqüentemente, as implicações das multifunções “despejadas” sobre nossos ombros podem levar-nos a afastar de cargos ou funções que demandem certas posições mais elevadas. Assim, é necessário que os grupos espeleológicos mantenham ações que configurem gestões compartilhadas.



Embora não abordados neste artigo, cabem ainda aprofundamentos futuros sobre a questão da espeleóloga profissional e as implicações que sofrem por serem mulheres na sociedade marcada pelo patriarcado: quais são as dificuldades encontradas, principalmente, na diferença do tratamento entre homem e mulher, diferença salarial, violências das mais diversas, as diversas funções e sobrecargas sociais atribuídas às mulheres.

Partindo da premissa do “lugar de fala”, que precisa ser respeitado: “espeleóloga fala pela espeleóloga” ou quem deve falar pela mulher deve ser a própria mulher. A busca não é ser pior ou melhor que os homens na espeleologia, a busca é para caminhar lado a lado, unidos para atuação em pesquisas, profissionalmente e no campo esportivo, com reconhecimento e respeito às especificidades que são nossas. Se a “tecnologia de gênero” nos colocou na condição de coletoras, sem atuação efetiva, hoje reivindicamos ser reconhecidas com o protagonismo que realmente é nosso por direito, principalmente nas publicações espeleológicas que tragam a abordagem do termo “Mulher” com assuntos que deem notoriedade ao gênero em todos os campos da espeleologia.

Por serem espaços democráticos e voluntários de participação, a ocupação das mulheres nos cargos de maior liderança dentro dos grupos foi pequeno ao longo da história dos grupos, mas as mulheres têm cada vez mais se apropriado destes espaços e promovido ações de empoderamento. Isso possibilita garantir no mínimo a discussão de direitos de fala em pé de igualdade, a exemplo, aqui está este trabalho, elaborado por um grupo de mulheres espeleólogas “Caverneiras – Guano Speleo” e outros que estamos visando despontar.

Assim, após conquistar vários direitos, as mulheres retornam às cavernas, agora não mais no contexto de “coletoras”, mas como “caçadoras” e protagonistas de sua própria história, reivindicando a visibilidade que lhes foi negada. Trabalhos como esse possibilitam que as Mulheres se percebam cada vez mais capazes de superar desafios ainda existentes, e atingir metas e objetivos aparentemente e erroneamente inatingíveis em uma sociedade marcada pelo patriarcado.

## 5. AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que fizeram e que fazem parte do mundo científico e lutam por mais igualdade, respeito e valorização!

## REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J.M; SOFFER, O; PAGE, J. **O sexo invisível**. Tradução Hermano de Freitas. Rio de Janeiro:Record, 2009.
- AULER, A.; ZOGBI, L. **Espeleologia**: noções Básicas. São Paulo: RedespeleoBrasil, 2005;
- BEAUVOIR, S. **Sob o signo da história**. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965. 280p;
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: DifusãoEuropeia do Livro, 1980.
- CARVALHO, J. L. R. L. **Cavernas e a proteção do patrimônio espeleológico brasileiro**:mudança de paradigma diante dos fatores de ameaça. 2012. 282 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo Lorena-UNISAL, São Paulo, 2012.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Documento Orientador 2ª Conferência Nacional de Saúde das Mulheres “Desafio **para integralidade com Equidade**”, Brasília: CNS, 2017. 28p.
- CONCEIÇÃO; J. M.; TEIXEIRA, M. R. F. Mulheres na ciência: um estudo da presença feminina no contexto internacional. **TEAR** [Revista de Educação, Ciência e Tecnologia], Canoas, RS, IFRS, v. 7, n.1, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2710/2037>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- CRUZ, E. T. **As interfaces femininas no universo espeleológico brasileiro**. Trabalho apresentado no Museu Minas e Metais/Gerdal, Belo Horizonte, em 06 set. 2018.

- DROUIN, Philippe; LAURENT, Roger; VALICOURT, Eric de. Les grandes figures disparues de laspeleologiefrançaise. **Spelunca** [SpécialCentenaire de laSpéléologie], Millau, 1-2-3, n. 31, p. 12-86, jul./sept. 1988. Disponível em: [https://spelunca.ffspeleo.fr/198812\\_Spelunca\\_31.pdf](https://spelunca.ffspeleo.fr/198812_Spelunca_31.pdf). Acesso em: 10 mar. 2019.
- FELIZARDO, A.J. Um pioneiro da espeleologia brasileira: história e biografia de Jean-Louis Christinat. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L.(orgs.). CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. **Anais** [...]. Campinas, SP: SBE, 2013. p.225-230. Disponível em: [http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe\\_225-230.pdf](http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe_225-230.pdf). Acesso em: 12 mar. 2019.
- GRUPO PIERRE MARTIN DE ESPELEOLOGIA. **Descoberto novo salão na Caverna de Santana**: Salão Pierre Martin. Disponível em: <http://www.blog.gpme.org.br/?p=3643>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- HARAWAY, D. **Le manifeste cyborg etautresessais** Anthologieétablie par Laurence Allard, Delphine Gardy et Nathalie Magnan.Paris, France: Exils, 2007. Disponível em: <https://wiki.lereset.org/media/harawaynb.pdf>. Acesso em 12 mar. 2019.
- LIMA, B. S. **Teto de vidro ou labirinto de cristal?** as margens femininas na ciência. 2008. 133f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- LINO, C. F. **Cavernas**: o fascinante Brasil subterrâneo – Caves: thefascinationof underground Brazil. 2. ed. rev.: Gaia. São Paulo, 2001.
- LOPES, L. Conheça 10 mulheres que mudaram a história da ciência mundial. **Galileu**, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/03/conheca-10-mulheres-que-mudaram-historia-da-ciencia-mundial.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- LOPES, M. M. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 10, p. 345-368, 1998. Disponível em: [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119840/1/ppec\\_4689345-3335-1-SM.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119840/1/ppec_4689345-3335-1-SM.pdf). Acesso em: 10 mar. 2019.
- LOUISE, J. Efeito Matilda: o preconceito de Gênero na Ciência. **Cientistas Feministas**. WordPress, 8 jun. 2018. Disponível em: <https://cientistasfeministas.wordpress.com/tag/mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- LUPI, A. Dia internacional da mulher e menina na ciência. [Entrevista cedida a] Hingrid Quintino. **Mulheres na Ciência**: o futuro é feminino. 11 fev. 2019. Disponível em: <http://mulheresnaciencia.com.br/dia-internacional-da-mulher-e-menina-na-ciencia/>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- MARASCIULO, M. Conheça Lise Meitner, a cientista que explicou a fissão nuclear. **Galileu**, 14 fev. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/02/conheca-lise-meitner-cientista-que-explicou-fissao-nuclear.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- MORENO, R. **A imagem da mulher na mídia**: controle social comparado. 2 ed. Colaboração de Tereza Verardo. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2017. 332p.
- NEVES, W. E no princípio... era o macaco! **Estudos Avançados**, v. 20, n. 58, p. 249-285, 2006.
- OLIVEIRA, J. T.; VIDEIRA, A. A. P. As polêmicas entre Manoel Pereira Reis, Emmanuel Liais e Luiz Cruls na passagem do século XIX para o século XX. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, n. 1, p. 42-52, 2003.

- PILÓ, Luis B; NEVES, Walter A. Novas Datações <sup>14</sup>Carbono (AMS) Confirmam a tese da coexistência do Homem com a Megamastofauna Pleistocênica na Região Cársica de Lagoa Santa, MG. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. 27 Congresso de Espeleologia, 2003.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Coleção: Feminismos Plurais).
- RODRIGUES, Sergio de Almeida. Dos australopitecos ao *Homo erectus*. **Revista de Ensino de Ciências** São Paulo, n. 18, p. 28-36, 1987.
- SANTOS, F. R. A grande árvore genealógica humana. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1 e 2, p.88-103, 2014.
- SÃO PAULO (Estado). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. Fundação para a conservação e a produção florestal do Estado de São Paulo. **Plano de Manejo Espeleológico**: Caverna do Diabo, resumo executivo. São Paulo: SMA-SP, 2010.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESPELEOLOGIA (SBE). Boletins Espeleológicos SBE (<http://sbe.org.br> consulta entre 25 de julho a 05/09/2018).
- SOCIEDADE EXCURSIONISTA ESPELEOLÓGICA (SEE). Diretorias da SEE entre 1933 a 2018 (<http://see.ufop.br/> consulta entre 25 de julho a 05/09/2018).